

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO

GABRIELE DOS SANTOS KOGA

En La Isla:
Uma análise do álbum “Debí Tirar Más Fotos”, de Bad Bunny

São Paulo

2025

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO

GABRIELE DOS SANTOS KOGA

En La Isla:

**Um podcast que apresenta, contextualiza e analisa o álbum “Debí Tirar Más Fotos”,
do cantor porto-riquenho Bad Bunny**

Trabalho de conclusão de curso de graduação em
Jornalismo, apresentado ao Departamento de
Jornalismo e Editoração

Orientação: Prof. Luciano Victor Barros Maluly

São Paulo

2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Cristina e Reinaldo, e ao meu irmão, Bruno, pelo amor, apoio incondicional e incentivo aos estudos, que foram fundamentais até aqui.

À Blanny e à vó Célia, por todo suporte.

À dinda Vivi, ao dindo Gerson e ao Bê, pelo carinho.

À Carol, minha psicóloga, pelo acolhimento.

Ao Luciano Maluly pela orientação e pelos diálogos feitos ao longo deste trabalho.

Aos professores que compartilharam seus conhecimentos ao longo da minha formação.

Ao Denis Pacheco, meu primeiro chefe, que tanto me ensinou sobre podcasts.

Ao Guilherme Genestreti e à Marília Miragaia, meus “pais” jornalistas, por me guiarem nos primeiros passos em uma redação.

À Thaís, Isabelle, Nycole, Bianca, Gabriely, Luiza e Duda, amigas queridas, por se fazerem presentes mesmo à distância.

Ao Rotex 4563, grupo de ex-intercambistas do Rotary International, pela amizade e pelo acolhimento na capital paulista.

Ao Pivo, meu cachorrinho, pela companhia e pelos lambeijos em tantas madrugadas enquanto escrevia e editava este material.

À Rebeca e à Lara pelo suporte. Vocês se tornaram o meu porto seguro em São Paulo.

A conclusão do bacharelado na USP, uma das instituições de ensino superior mais renomadas da América Latina, representa a concretização de um grande objetivo.

Honrar a minha jornada é também valorizar a presença de cada um de vocês.

Esse sonho é nosso.

Muito obrigada por tanto.

“En la vida hay una verdad: las cosas siempre cambian.

El mundo cambia, la gente cambia. Todo cambia.

Excepto, lo bueno”

– Bad Bunny

SUMÁRIO

1. FICHA TÉCNICA.....	9
2. INTRODUÇÃO.....	10
3. OBJETIVO.....	12
4. PÚBLICO-ALVO.....	13
5. METODOLOGIA.....	14
6. ENTREVISTADOS.....	15
7. BLOCOS.....	16
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
9. REFERÊNCIAS.....	18
10. APÊNDICES.....	23
10.1. IMAGENS.....	23
10.2. SITE.....	30
10.3. ROTEIRO.....	31

RESUMO

Este trabalho apresenta e analisa destaques da produção musical do cantor porto-riquenho Bad Bunny no álbum “Debí Tirar Más Fotos”, lançado em 5 de janeiro de 2025, além de contextualizar a situação vivenciada por Porto Rico em relação à influência estadunidense e à gentrificação. A pesquisa, transformada em podcast, também explica como a construção da narrativa do álbum se expandiu em plataformas como YouTube e Spotify.

Palavras-chave: América Latina. Bad Bunny. Cultura. Música. Podcast. Reggaeton.

ABSTRACT

This work presents and analyzes highlights the musical production of Puerto Rican singer Bad Bunny on the album “Debí Tirar Más Fotos”, released on January 5, 2025, and also contextualizes the situation experienced by Puerto Rico regarding U.S. influence and gentrification. The research, turned into a podcast, also explains how the album's narrative construction expanded on platforms like YouTube and Spotify.

Keywords: Latin America. Bad Bunny. Culture. Music. Podcast. Reggaeton.

RESUMEN

Este trabajo presenta y analiza los aspectos más destacados de la producción musical del cantante puertorriqueño Bad Bunny en el álbum “Debí Tirar Más Fotos”, lanzado el 5 de enero de 2025, además de contextualizar la situación vivida por Puerto Rico en relación con la influencia estadounidense y la gentrificación. La investigación, transformada en podcast, también explica cómo la construcción de la narrativa del álbum se expandió en plataformas como YouTube y Spotify.

Palabras clave: América Latina. Bad Bunny. Cultura. Música. Podcast. Reggaetón.

1. FICHA TÉCNICA

Título do podcast: En La Isla

Duração: 28min10s

Disponível em: [Spotify](#)

Ano: 2025

Direção: Gabriele Koga

Produção: Gabriele Koga

Roteiro: Gabriele Koga

Edição: Gabriele Koga

Apresentação: Gabriele Koga

Participações: Juan José Ortega, Leandro Rodrigues, Luíza Saddi, Ludmilla Correia, Nathalia Fabro Mendes e Wulfgar von Kriegsmann

Locuções adicionais: Vinicius Bernardes

Orientação: Prof. Luciano Victor Barros Maluly

2. INTRODUÇÃO

O reggaeton, como explica Tainy, um dos principais produtores do gênero, é um ritmo que evoluiu a partir do reggae, em espanhol, nos guetos do Panamá e Porto Rico. O ritmo foi influenciado pelo dancehall, hip-hop e vários estilos da música latino-americana (Tainy et al., 2020, 0:23). Assim como o funk brasileiro, traz o “discurso da periferia que narra desafios e alegrias de uma vivência invisibilizada por uma sociedade pós colonial” (Aragão; Ribeiro; Araújo; pág. 2; 2021).

O rápido crescimento do reggaeton, no entanto, não passou despercebido pela indústria musical na década de 1990, quando ganhou espaço nas estações de rádio. De acordo com a pesquisadora Petra Rideau, o ritmo passa a ser visto como um problema social quando “fura a bolha” da marginalidade e alcança o *mainstream* (apud. Monteiro, 2019).

O caminho do reggaeton até chegar no topo das paradas envolve preconceitos e até restrições. Em 1993, por exemplo, o governo de Porto Rico proibiu a circulação de discos de reggaeton que continham conteúdos considerados violentos e incluíam palavras de baixo calão. Anos depois, em 2012, a mídia brasileira e internacional, repercutiu que o governo cubano estava trabalhando em uma lei que deveria reger todos os usos públicos do ritmo. Já em 2017, veículos de comunicação da Espanha, como o ABC Cultural, reportaram um estudo que afirmava que os ouvintes de reggaeton são, em média, 20% menos inteligentes que os ouvintes de música clássica.

Mesmo apresentado com ataques e conotações negativas, o reggaeton conquistou espaço nas playlists dos ouvintes, sendo impulsionado por sucessos como “Gasolina”, de Daddy Yankee, e “Despacito”, de Luis Fonsi com Daddy Yankee.

Segundo levantamento realizado pelo Spotify – plataforma para a reprodução de músicas que atinge mais de 170 países e tem mais de 600 milhões de usuários ativos –, os streams em músicas do gênero cresceram 119% entre os anos de 2014 e 2017. No mesmo player, Benito Antonio Martínez Ocasio, o Bad Bunny, foi o artista mais executado no mundo em três anos consecutivos: 2020, 2021 e 2022.

Vencedor de três Grammy, o porto-riquenho se concretizou com um dos maiores representantes do gênero reggaeton, como aponta a Bloomberg: em 2020, o cantor encerrou o

ano como a maior estrela pop do mundo. “Bad Bunny não só está se beneficiando de um movimento em crescimento. É ele que o está conduzindo” (SHAW, 2021).

Assim, analisa-se que Bad Bunny segue em ascensão na indústria musical: os discos “Un Verano Sin Ti”, lançado em maio de 2022, e “Nadie Sabe Lo Que Va a Pasar Mañana”, divulgado em outubro de 2023, foram os álbuns mais reproduzidos do mundo no Spotify nos respectivos anos. Já em janeiro de 2025, o artista publicou o álbum “Debí Tirar Más Fotos” – que virou trend até no TikTok.

Nas faixas, Bad Bunny traz referências de tradições musicais de Porto Rico em suas composições, incorporando gêneros como salsa e plena ao seu estilo característico de reggaeton. A estreia no topo da parada Top Streaming Albums, da Billboard, com mais de 152 milhões de streams, estabeleceu um recorde latino.

Ao longo das composições, aparecem temas políticos como a gentrificação de sua terra natal, o abandono do povo porto-riquenho pelo governo, a relação com os Estados Unidos, a migração forçada e o impacto do turismo estrangeiro que, embora movimente a economia, também expulsa moradores locais.

Os posicionamentos do cantor também se mostram presentes no uso de gírias locais, nos ritmos tradicionais resgatados, na escolha de samples de músicos porto-riquenhos, na foto de capa e nas imagens do curta-metragem que acompanha o álbum. Em suma, cada elemento – seja na composição estética ou na produção musical – contribui para a construção de uma narrativa clara: “Debí Tirar Más Fotos” é uma obra dedicada a Porto Rico e ao seu povo.

3. OBJETIVO

Geral: Produzir um episódio, modelo piloto, de podcast que explore a produção artística do cantor Bad Bunny no álbum “Debí Tirar Más Fotos” (2025), destacando o disco como expressão da cultura porto-riquenha.

Específico:

1. Análise sobre o contexto do arquipélago de Porto Rico com base em questões históricas, sociais e culturais descritas nas canções de Bad Bunny;
2. Elaboração de um formato misto entre reportagem e resenha em radiojornalismo;
3. Divulgar o trabalho artístico de Bad Bunny, especialmente para os fãs de reggaeton, trap latino e música urbana no Brasil.

4. PÚBLICO-ALVO

Jovens e adultos que acompanham a música contemporânea, incluindo fãs de reggaeton, trap latino e música urbana, especialmente admiradores de Bad Bunny. O público também inclui ouvintes com interesse em cultura latino-americana, identidade porto-riquenha, questões sociais e históricas de Porto Rico, e que buscam uma abordagem crítica e cultural da música popular. Estudantes e pesquisadores das áreas de música, estudos culturais, comunicação, sociologia e história também fazem parte do público potencial, especialmente aqueles interessados na interseção entre arte e política.

5. METODOLOGIA

Para a elaboração deste trabalho, o primeiro passo foi escutar integralmente o álbum “Debí Tirar Más Fotos” diversas vezes a fim de entender o conteúdo das letras e a atmosfera geral das canções. O processo também envolveu anotar possíveis destaques do disco.

Em seguida, foi construído um repertório analítico por meio da leitura de textos jornalísticos e resenhas do disco, com o objetivo de aprofundar a compreensão da obra de Bad Bunny e dos principais temas abordados.

Com o material de base estudado, foram realizadas entrevistas com as fontes que participam do podcast. A partir dessas conversas, iniciou-se a seleção de trechos das músicas que seriam utilizados no episódio, alinhando os áudios aos temas discutidos.

As entrevistas foram, então, transcritas e trechos de maior relevância, selecionados para a elaboração do roteiro. Por fim, realizou-se a gravação das locuções e a edição do programa, concluindo o processo de produção.

Meu amigo e colega de trabalho, Vinícius Bernardes, é a voz da vinheta do programa, que também foi editada por mim, e das traduções feitas a partir das entrevistas com áudios em espanhol.

Meu irmão, Bruno Koga, contribuiu com a produção do site. Ele também é o responsável pela capa do programa veiculado no Spotify, que traz referências ao sapo concho – espécie em ameaça de extinção na região.

A escolha do título “En La Isla” faz alusões ao arquipélago de Porto Rico e à edição da revista Vogue México, divulgada em abril de 2025, na qual Bad Bunny estampou a capa.

O podcast “Expresso Ilustrada”, da Folha de S.Paulo, foi a minha principal referência para a produção deste trabalho.

6. ENTREVISTADOS

Para a realização deste trabalho, foram escutadas seis pessoas.

Juan José Ortega, 24, colombiano, estudou Música com ênfase em Produção de Áudio e também é técnico em Negócios Musicais pela Universidad de los Andes, em Bogotá;

Leandro Rodrigues, 27, publicitário, fã de Bad Bunny e administrador do fã-clube Bad Bunny Brasil;

Luíza Saddi, 24, brasileira, bacharela em Relações Internacionais e acadêmica de História;

Ludmilla Correia, brasileira, jornalista, repórter na Billboard Brasil, DJ e também pesquisadora de música urbana latino não-brasileira;

Nathalia Catarine Fabro Mendes, brasileira, jornalista, editora-assistente na Editora Globo e especialista em Mídia, Informação e Cultura pelo Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação (Celacc), da ECA-USP;

Wulfgar von Kriegsmann, 56, porto-riquenho, ativista pela independência de Porto Rico e fã de Bad Bunny.

7. BLOCOS

O episódio foi pensado em duas partes. A primeira traz a análise de canções destaque do álbum “Debí Tirar Más Fotos” e a contextualização do cenário porto-riquenho abordado por Bad Bunny, mencionando tópicos como a influência estadunidense e a gentrificação no arquipélago.

Já a segunda discute a expansão da narrativa do disco para outras plataformas. A combinação de elementos na imagem de capa, o curta-metragem no YouTube e o mascote inspirado no sapo concho (*Peltophryne lemur*), espécie em ameaça de extinção na região, que aparece em vídeos no Spotify, dá destaque às raízes do cantor. Os recursos integram a construção do orgulho de ser latino e porto-riquenho.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho nasceu da convicção de que a arte é uma ferramenta de resistência e expressão. Sempre tive afinidade com temas ligados ao universo cultural – especialmente com a música, que ocupa um lugar central na minha vida e na construção da minha identidade enquanto fã e jornalista.

A motivação também veio do prazer em unir pesquisa documental à prática. Ao longo do desenvolvimento deste projeto, busquei compreender não apenas a realidade de Porto Rico, mas também de que forma Bad Bunny se posiciona no álbum “Debí Tirar Más Fotos” e apresenta contextos históricos, políticos e sociais do arquipélago. Mais do que analisar um disco, mostro como o cantor constrói uma narrativa ao mostrar suas raízes e seu orgulho de ser porto-riquenho, combinando diferentes recursos, que se expandem para outras plataformas.

O produto final deste trabalho é um conteúdo em formato de áudio, uma linguagem com a qual me aprofundei durante o estágio no Jornal da USP e que, ao longo da graduação, se consolidou como uma das minhas produções jornalísticas favoritas. A escolha pelo formato de podcast – mídia acessível que permite o consumo de informações pelo ouvinte enquanto realiza outras atividades – foi motivada não apenas por questões técnicas, mas principalmente por sua sintonia com a proposta do projeto.

Analizar e contextualizar um álbum latino-americano, marcado por posicionamentos políticos e por referências enraizadas em ritmos porto-riquenhos, exige um meio que valorize tanto a palavra quanto o som.

9. REFERÊNCIAS

ABC.ES. O reggaeton reduz a inteligência, segundo um estudo. ABC, 24 out. 2014. Disponível em:

<https://www.abc.es/cultura/musica/20141024/abci-reggaeton-inteligencia-baja-201410241124.html>. Acesso em: 10 mar. 2025.

ARAGÃO, R.A.; RIBEIRO, R.L. e ARAÚJO, S.A. O eloquente discurso musical reggaetonero: A produção musical do reggaeton e sua reapropriação independente na obra de Bad Bunny. XXXI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, João Pessoa, 2021.

Disponível em:

<https://anppom-congressos.org.br/index.php/31anppom/31CongrAnppom/paper/viewFile/816/482>. Acesso em: 23 abr. 2025.

ARROYO, Juan J. Bad Bunny e os símbolos de Porto Rico escondidos no vídeo de ‘La Mudanza’. Rolling Stone Brasil, 14 mar. 2025. Disponível em:

<https://rollingstone.com.br/musica/bad-bunny-e-os-simbolos-de-porto-rico-escondidos-no-video-de-la-mudanza/>. Acesso em: 19 abr. 2025.

ÁVILA-CLAUDIO, Ronald Alexander. “No quiero que hagan contigo lo que le pasó a Hawái”: las denuncias sobre Puerto Rico que hace Bad Bunny en su nuevo disco. BBC News Mundo, 16 jan. 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/mundo/articles/cx25n73ry42o>. Acesso em: 19 abr. 2025.

BRAGA, Ana. Reggaeton: da marginalização ao sucesso mundial. Reggaeton Brasil, 23 dez. 2019.

Disponível em:

<https://www.reggaetonbrasil.com/2019/12/reggaeton-damarginalizacao-ao-sucesso.html>. Acesso em: 4 mar. 2025.

BENSHAW, David. The Puerto Rican artists that help make Bad Bunny’s new album a homecoming. The Fader, 6 jan. 2025.

Disponível em:

<https://www.thefader.com/2025/01/06/the-puerto-rican-artists-that-help-make-bad-bunnys-new-album-a-homecoming>. Acesso em: 19 abr. 2025.

BERGAD, Laird W. New York City’s Puerto Rican Population Experienced a Sharp Decline Between 2012 and 2022 While The Dominican Population Increased. Nova York: Center for Latin American, Caribbean and Latino Studies, Graduate Center, City University of New York

(Latino Data Project, Report 114), jan. 2024. Disponível em: <https://www.gc.cuny.edu/news/declining-puerto-rican-population-new-york-city-study>. Acesso em: 19 abr. 2025.

BUDIN, Laura. Por que você deve dar atenção ao novo álbum de Bad Bunny. FFW, 13 jan. 2025. Disponível em: <https://ffw.uol.com.br/materias/por-que-voce-deve-dar-atencao-ao-novo-album-de-bad-bunny/>. Acesso em: 19 abr. 2025.

CAULFIELD, Keith. Bad Bunny's 'Debí Tirar Más Fotos' Debuts at No. 1 on Billboard's Top Streaming Albums Chart. Billboard, 13 jan. 2025. Disponível em: <https://www.billboard.com/music/chart-beat/bad-bunny-debi-tirar-mas-fotos-tops-billboard-streaming-albums-chart-1235874664/>. Acesso em: 24 abr. 2025.

CORREIA, Ludmilla. Entrevista concedida a Gabriele Koga. São Paulo. 14 mar. 2025
CRUZ, Felipe. Bad Bunny supera Taylor Swift e é o mais tocado do ano no Spotify mundial. Veja, São Paulo, 30 nov. 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/o-som-e-a-furia/bad-bunny-supera-taylor-swift-e-e-o-mais-tocado-do-ano-no-spotify-mundial/>. Acesso em: 23 abr. 2025.

DIAZ, Vanessa. Bad Bunny leva salsa e plena para o topo das paradas – por que isso importa. Rolling Stone Brasil, 20 jan. 2025. Disponível em: <https://rollingstone.com.br/musica/bad-bunny-leva-salsa-e-plena-para-o-topo-das-paradas-por-que-isso-importa/>. Acesso em: 19 abr. 2025.

DONALDSON, Maggy. Conheça o professor que ajudou Bad Bunny a transformar novo álbum em uma aula de história de Porto Rico. O Globo, 8 abr. 2025. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2025/04/08/conheca-o-professor-que-ajudou-bad-bunny-a-transformar-novo-album-em-uma-aula-de-historia-de-porto-rico.ghtml>. Acesso em: 19 abr. 2025.

DUVANEL, Talita. Bad Bunny domina o Top Global do Spotify com 'Debí Tirar Más Fotos'; entenda a importância política do álbum. O Globo, 19 jan. 2025. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2025/01/19/bad-bunny-domina-o-top-global-do-spotify-com-debi-tirar-mas-fotos-entenda-a-importancia-politica-do-album.ghtml>. Acesso em: 4 mar. 2025.

DUVANEL, Talita. Como Bad Bunny usou seu novo disco para defender a história e a cultura de Porto Rico. G1, 17 jan. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2025/01/17/como-bad-bunny-usou-seu-novo-disco-para-defender-a-historia-e-a-cultura-de-porto-rico.ghtml>. Acesso em: 4 mar. 2025.

FLORES, Andrea. Bad Bunny's 'Debí Tirar Más Fotos' is a love letter to Puerto Rico. This professor helped him tell the island's history. Los Angeles Times, 7 jan. 2025. Disponível em: <https://www.latimes.com/delos/story/2025-01-07/bad-bunnys-debi-tirar-mas-fotos-puerto-rico-jor-ell-melendez-badillo-visualizers/>. Acesso em: 19 abr. 2025.

GEORGI, Maya. Bad Bunny faz um retorno triunfante em 'Debi Tirar Más Fotos'. Rolling Stone, 7 jan. 2025. Disponível em: <https://rollingstone.com.br/musica/bad-bunny-faz-um-retorno-triunfante-em-debi-tirar-mas-fotos/>. Acesso em: 19 abr. 2025.

O GLOBO; AGÊNCIAS INTERNACIONAIS. Cuba vai proibir reggaeton em espaços públicos. O Globo, 07 dez. 2012. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/cuba-vai-proibir-reggaeton-em-espacos-publicos-6946108>. Acesso em: 10 mar. 2025.

GUERRA, Dora. Como Bad Bunny usou seu novo disco para defender a história e a cultura de Porto Rico. G1, 17 jan. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2025/01/17/como-bad-bunny-usou-seu-novo-disco-para-defender-a-historia-e-a-cultura-de-porto-rico.ghtml>. Acesso em: 19 abr. 2025.

ISMERIM, Flávio. Viral no TikTok, música de Bad Bunny se torna a mais ouvida do mundo no Spotify. CNN Brasil, 12 jan. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/viral-no-tiktok-musica-de-bad-bunny-se-torna-a-mais-ouvida-do-mundo-no-spotify/>. Acesso em: 19 abr. 2025.

LABORDE, Antonia. Revolución en Puerto Rico a ritmo de reguetón. El País, 29 jul. 2019. Disponível em: https://elpais.com/elpais/2019/07/29/gente/1564414757_656338.html. Acesso em: 4 mar. 2025.

LINARES, Maria Gracia. Como Bad Bunny construiu um império do entretenimento na música e além. Forbes, 2023. Disponível em:

<https://forbes.com.br/forbeslife/2023/12/como-bad-bunny-construiu-um-imperio-do-entretenimento-na-musica-e-alem/>. Acesso em: 8 mar. 2025.

LOPEZ, Julyssa. Entrevista: Bad Bunny. Rolling Stone Brasil, 2024. Disponível em: <https://rollingstone.com.br/musica/entrevista-bad-bunny/>. Acesso em: 19 abr. 2025.

MARCOS, Coral Murphy. This endangered toad just got a big boost from Bad Bunny. National Geographic, 15 jan. 2025. Disponível em: <https://www.nationalgeographic.com/animals/article/bad-bunny-coqui-puerto-rico>. Acesso em: 13 mai 2025.

MENDES, Nathalia Catarine. Entrevistas concedidas a Gabriele Koga. São Paulo. 14 mar. 2025 e 17 abr. 2025.

MENDES, Nathalia Catarine. Reggaeton: a música contemporânea da cultura popular da América Latina. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Mídia, Informação e Cultura) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: https://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/media/tcc/2023/08/nathalia_fabro_mendes - tcc-nathaliafabro_definitivo_reggaeton.pdf. Acesso em: 4 mar. 2025.

MONTEIRO, Clara. Funk e reggaeton: uma periodização histórica comparativa. Revista Extraprensa, v. 12, p. 798 - 811. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/153386>. Acesso em: 22 abr. 2025.

ORTEGA, Juan José. Entrevistas concedida a Gabriele Koga. São Paulo. 9 e 17 abr. 2025

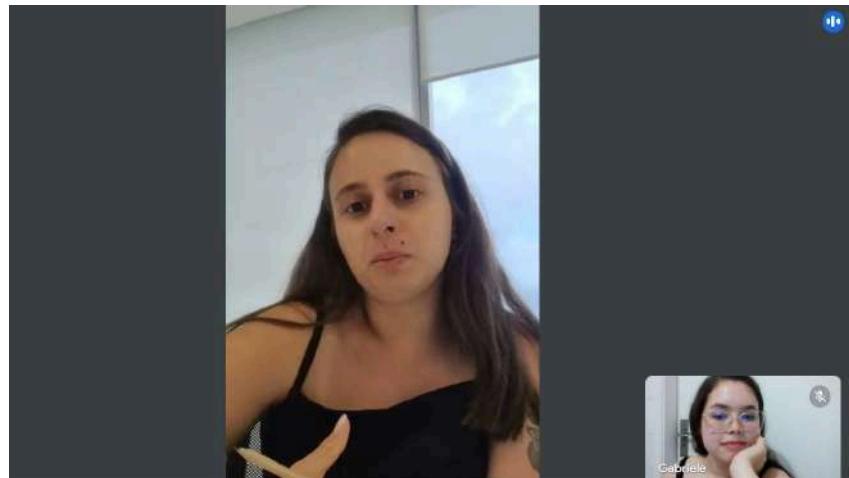
PAIVA, Saara. A Ascensão da Música Latino-Americana em Meio às Plataformas de Streaming. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Mídia, Informação e Cultura) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: https://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/media/tcc/2022/05/tcc_saara_paiva_final.pdf. Acesso em: 5 mar. 2025.

RAYGOZA, Isabela. Bad Bunny celebra Porto Rico em novo álbum “Debí Tirar Más Fotos”. Billboard, 5 jan. 2025. Disponível em: <https://billboard.com.br/bad-bunny-celebra-porto-rico-em-novo-album-debi-tirar-mas-fotos/>. Acesso em: 19 abr. 2025.

- REDAÇÃO BBC NEWS. “El mensaje de las letras de Bad Bunny es muy poderoso en Medio Oriente”: cómo la música del artista se volvió popular también en Gaza y Líbano, 31 jan. 2025 . Disponível en: <https://www.bbc.com/mundo/articles/cj02197ze08o>. Acesso em: 19 abr. 2025.
- REDAÇÃO. Bad Bunny tem o álbum mais reproduzido no mundo pelo segundo ano consecutivo. Rolling Stone Brasil, 30 nov. 2023. Disponível em: <https://rollingstone.com.br/musica/bad-bunny-tem-o-album-mais-reproduzido-no-mundo-pelo-segundo-ano-consecutivo/>. Acesso em: 23 abr. 2025.
- RIDEAU, Petra. The Cultural Politics of Race in Puerto Rico. Duke University Press. Londres, 2015.
- RODRIGUES, Leandro. Entrevista concedida a Gabriele Koga. São Paulo. 5 abr. 2025.
- SADDI, Luiza. Entrevistas concedidas a Gabriele Koga. São Paulo. 16 e 19 abr. 2025
- SHAW, Lucas. Bad Bunny Reclaims His Crown as the World’s Biggest Pop Star: Bad Bunny ended 2020 just as he started it: the biggest pop star in the world. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/graphics/pop-star-ranking/2021-january/bad-bunny-reclaimshis-crown-as-the-world-s-biggest-pop-star.html>. Acesso em: 24 abr. 2025.
- TAINY, Marco Masís et al. How to Create a Reggaetón Track with Producer Tainy (J Balvin, Bad Bunny, Anuel AA). Pitchfork. 2020. Video elaborado para o canal da Pitchfork no Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zz21GI7CUk>. Acesso em: 9 mar. 2025.
- TORRES, Sônia. Porto-riquenhos em Nova York: discursos diaspóricos e mapas adjacentes. Textura, Canoas, n. 2, p. 33–41, 1º sem. 2000. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/viewFile/676/486>. Acesso em: 19 abr. 2025.
- VIEIRA, Isabela. “Les falta sazón, bateria y reggaeton”: a marginalização do reggaeton na música mainstream brasileira. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Instituto de Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024. Disponível em: https://bdta.abcd.usp.br/directbitstream/90f1a6e8-e46b-4385-87ec-86ec0e4cf1c9/TCC_-_Isabela_Vieira.pdf. Acesso em: 4 mar. 2025.
- VON KRIEGSMANN, Wulfgar. Entrevistas concedidas a Gabriele Koga. São Paulo. 9, 10 e 11 abr. 2025.

10. APÊNDICES

10.1. IMAGENS



Entrevista com Nathália Fabro Mendes, realizada em 14 de março de 2025



Capa do álbum “Debí Tirar Más Fotos”, de Bad Bunny, lançado em 5 de janeiro de 2025

(Crédito: Reprodução)



Verso do álbum lbum “Debí Tirar Más Fotos”, de Bad Bunny (Crédito: Reprodução)



Bad Bunny em cena do clipe de “La Mudanza” (2 min)

(Crédito: Reprodução)



Curta-metragem de “Debí Tirar Más Fotos”, co-escrito e dirigido por Bad Bunny em parceria com Arí Maniel Cruz Suárez. Na imagem, estão o cineasta porto-riquenho Jacobo Morales e o sapo concho (*Peltophryne lemur*), que está ameaçado de extinção em Porto Rico

(Crédito: Reprodução)

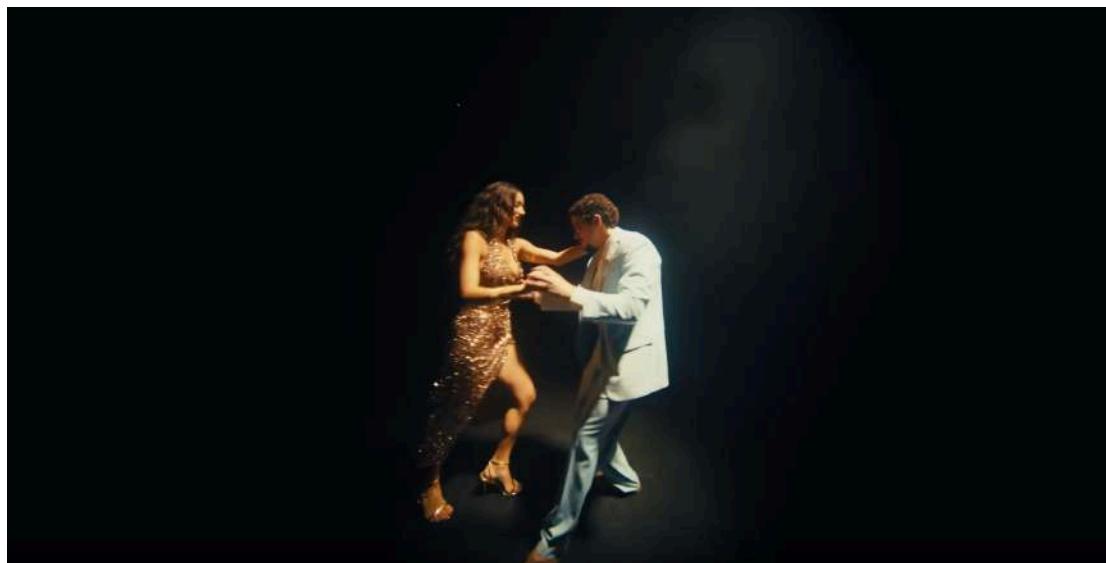


Sapo concho em vídeo da música “Turista” no Spotify

(Crédito: Reprodução)



No clipe de “Turista”, Bad Bunny interpreta um faxineiro de uma casa luxuosa alugada por turistas (Crédito: Reprodução)



Bad Bunny dança salsa no clipe de "Baile Inolvidable" (Crédito: Reprodução)

**La diáspora puertorriqueña
(1940s-1970s)**

Mientras Puerto Rico se industrializaba a mediados del siglo XX, oficiales del gobierno e intelectuales argumentaban que la isla estaba sobre poblada. Las condiciones globales, particularmente luego de la Segunda Guerra Mundial, también marcaban el tono de las conversaciones dentro de Puerto Rico. Para miles de puertorriqueños, los trabajos eran escasos y poco remunerados. Para aquellos que migraban del campo a la ciudad, las condiciones laborales en los Estados Unidos, particularmente luego de la guerra, ofrecían mejores oportunidades. Había gran demanda por la obra manual, particularmente en fábricas urbanas o los campos agrícolas estadounidenses.

Durante la década 1940 comenzaron a emigrar miles de puertorriqueños. Para los 1970s más de 835,000 personas habían hecho sus maletas para emigrar al norte. Esta migración puertorriqueña pasó a la historia como la primera gran migración aérea del mundo.




No YouTube, cada música do álbum é acompanhada por uma apresentação, que traz destaque da história local com base nas explicações do historiador porto-riquenho Jorell Meléndez-Badillo.

Registros da história porto-riquenha divulgada no vídeo de "Café con Ron"

(Crédito: Reprodução)

**La bandera puertorriqueña
(1895-1952)**

Luego de varios siglos de colonización española, comenzó a surgir un sentido de puertorriqueñidad en los siglos XVIII (1700s) y XIX (1800s). De hecho, la primera vez que se utiliza el término "puertorriqueño" en los documentos oficiales españoles fue de manera despectiva. Un oficial militar se quejaba de todos los "puertorriqueños, bastardos de los gobernadores, de oficiales reales y del ejército".

A pesar de esta designación despectiva, la realidad es que parece que existía un sentimiento de pertenencia a algo diferente a España que comenzaba a surgir en Puerto Rico. Esto se materializó en varios intentos de luchas por la independencia de España que se llevaron a cabo en los 1820s y 1830s. Estos eventos también estaban inspirados en la creación de las repúblicas de Estados Unidos, Francia y Haití.




Registros da história porto-riquenha divulgada no vídeo de "Baile Inolvidable"

(Crédito: Reprodução)

La creación del Estado Libre Asociado y el nacionalismo cultural (1952)

Luogo de la Segunda Guerra Mundial, y tras la creación de las Naciones Unidas en 1945, el mundo se comenzó a mover hacia la descolonización. Los viejos imperios fueron retados por el reclamo de descolonización de los territorios que por tanto tiempo habían ocupado. Mientras tanto, en Puerto Rico se debatía cuál sería el futuro político de la isla.

En los 1930s, el Partido Nacionalista, liderado por Pedro Albizu Campos, un abogado egresado de la Universidad de Harvard, había llevado a cabo acciones militares para atrapar la atención mundial y mostrar la situación colonial de Puerto Rico. En febrero de 1936 unos jóvenes independentistas fueron asesinados por la policía en Río Piedras. En represalia, dos jóvenes nacionalistas asesinaron a Francis Riggs, jefe de la policía. Este evento caldeó los ánimos en Washington y Puerto Rico estuvo más cerca de que nunca de obtener su independencia.




Registros da história porto-riquenha divulgada no vídeo de "VelDá" (Crédito: Reprodução)

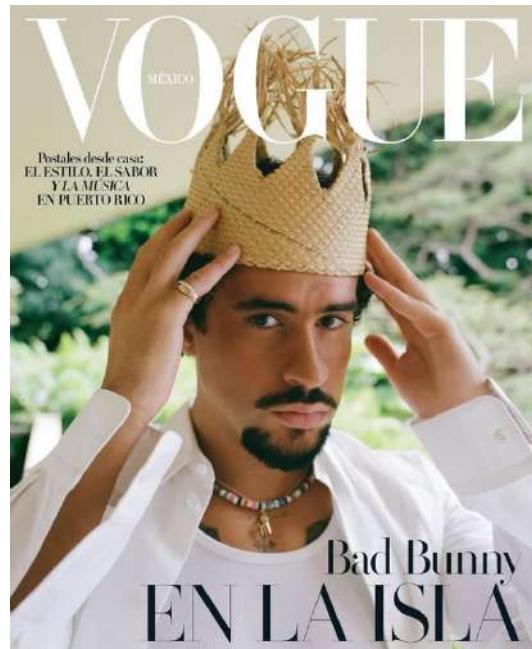
Porto Rico: Los primeros años de la americanización en Puerto Rico (1898-1936)

Puerto Rico ha tenido diferentes nombres a través de su historia. Las comunidades indígenas lo llamaban Buruquen o Borikén. A su llegada, los españoles lo renombraron la Isla de San Juan Bautista. Posteriormente pasaría a ser la Isla de Puerto Rico hasta que simplemente fue nombrada Puerto Rico.

A comienzos del siglo XX (1900s), apenas cinco años luego de la invasión estadounidense, se le volvió a cambiar el nombre. Puerto Rico pasó a llamarse "Porto Rico" en la documentación oficial estadounidense. Este cambio de nombre respondía a que los estadounidenses eran incapaces de pronunciar la palabra "Puerto". El nuevo nombre duró un par de décadas antes que fuera cambiado nuevamente a Puerto Rico.




Registros da história porto-riquenha divulgada no vídeo de "NuevaYol" (Crédito: Reprodução)



Bad Bunny estampa a capa da Vogue México, divulgada em 24 de abril de 2025

(Crédito: Reprodução)

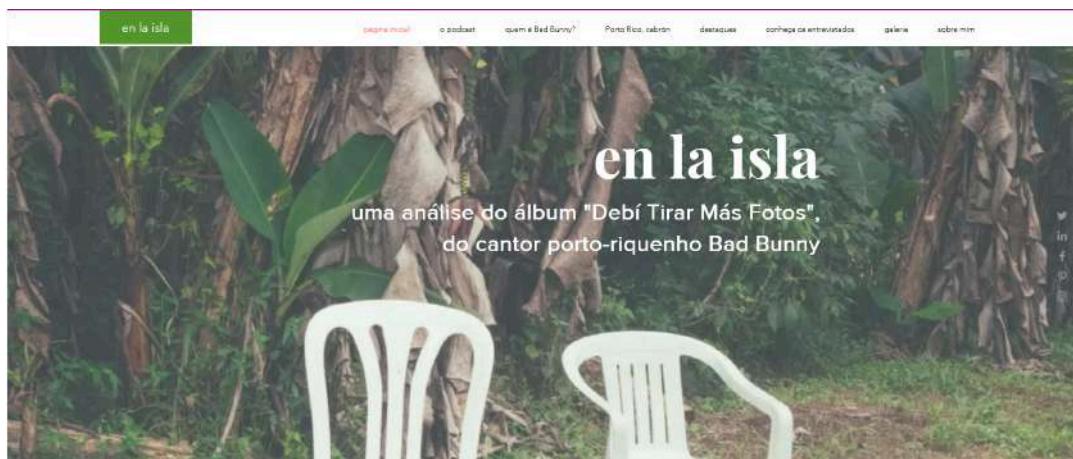


Capa do podcast “En La Isla”

(Crédito: Bruno Koga)

10.2. SITE

O site, criado por Bruno Koga por meio da plataforma Wix, é dividido em nove seções. A página inicial introduz o álbum “Debí Tirar Más Fotos” e explica que o podcast foi feito como um trabalho de conclusão de curso. A seção “o podcast” conta com detalhes dos processos de criação e produção do episódio, além de disponibilizá-lo para o ouvinte com players no site e no Spotify. A terceira divisão, “quem é Bad Bunny?” inclui informações sobre a carreira de Bad Bunny e uma playlist, elaborada por mim, com músicas do artista. Na sequência, “Porto Rico, cabrón” reúne dados sobre o arquipélago e recortes de acontecimentos históricos. Em “destaques”, há a descrição das músicas selecionadas para análise no podcast, além de trechos das faixas que podem ser tocados pelo Spotify. Na aba “conheça os entrevistados”, estão disponibilizadas fotos e descrições de cada participante do podcast. Já a “galeria” apresenta imagens como a capa do álbum e recortes de Bad Bunny em videoclipes, por exemplo. A sétima seção, “sobre mim”, explica um pouco da minha trajetória acadêmica na ECA-USP e a minha relação com o universo musical. Por fim, os materiais de apoio, que fizeram parte da pesquisa deste trabalho, estão listados em “referências”. O link para acesso é: enlaislapodcast.wixsite.com/home



Página inicial do site (Crédito: Bruno Koga)

10.3. ROTEIRO

ROTEIRO EPISÓDIO PILOTO

TEC VINHETA INÍCIO UNIVERSIDADE 93,7

TEC VINHETA PODCAST

[INTRO]: TEC DtMF - 1:23

LOC 1: Talvez você já tenha escutado essa música em alguma trend do TikTok: DtMF, abreviação de Debí Tirar Más Fotos (ou, Deveria ter Tirado Mais Fotos, em português) dá nome a esta canção e também ao novo álbum do cantor porto-riquenho Bad Bunny, lançado em 5 de janeiro de 2025.

LOC 2: O disco reúne 17 faixas e tem participação de músicos de Porto Rico como Dei V e Omar Courtz, cantores em ascensão no trap latino, RaiNao, artista que já tocou com Bad Bunny na turnê “Un Verano Sin Ti” em 2022, e os grupos Chuwi e Os Pleneros da Cresta.

+ Eu sou Gabriele Koga.

TEC EoO (2:46 - 2:57)

“estás escuchando música de PR, cabrón”

LOC 3: Localizado no mar do Caribe, Porto Rico é um território de posse dos Estados Unidos. O arquipélago não chega a ser classificado como país ou estado e é nesse contexto que o Bad Bunny usa o disco para falar de sua terra –não só pela geografia–, mas também pela cultura.

+ A Luiza Saddi, formada em Relações Internacionais e acadêmica de História, explica mais sobre o cenário de Porto Rico.

SON LUÍZA (43s): São mais de 500 anos de colonização que começaram lá em 1493 com a invasão espanhola na América. Porto Rico permaneceu como colônia espanhola até 1898, quando a Espanha entrou em guerra com os Estados Unidos.

+ Essa dominação não foi aceita pacificamente, sempre houve um movimento dos independentistas e contra-coloniais dos boriquas, que são cidadãos de Porto Rico, e várias revoltas, inclusive ao longo da história, mas essas revoltas são sempre sufocadas pelo governo estadunidense.

+ No caso de Porto Rico, eles são praticamente uma região semi-autônoma dos Estados Unidos. Eles podem ter um governador próprio e uma constituição local limitada, mas eles não podem, por exemplo, votar para presidência dos Estados Unidos.

LOC 4: Falando sobre Porto Rico, o Wulfgar Von Kriegsmann, que é ativista pela independência do arquipélago, e nasceu em Santurce –o maior e mais populoso bairro da capital San Juan– conta que não era fã de reggaeton, mas isso mudou com o lançamento de “Debí Tirar Más Fotos”. Chega mais, amigo!

SON WULFGAR (43s): La verdad es que yo al principio no era nada de fanático del reggaeton. Mi música preferida era gótica oscura, punk rock, electrónica y alternativo. En el mes de enero yo estaba viendo The Tonight Show Jimmy Fallon y presentaron a Bad Bunny y su nuevo álbum Debí Tirar Más Fotos, cuando describieron el álbum y dijeron que era como una carta romántica para Puerto Rico pues como yo amo a Puerto Rico tanto enseguida me levantó la curiosidad.

LOC 5: Quem também acompanha o trabalho do Bad Bunny é o Leandro Rodrigues, que mora em Belém, aqui no Brasil.

SON LEANDRO (26s): Eu acompanho o trabalho do Bad Bunny desde 2020. Acho que o forte dele é compor as próprias músicas e assim criando o elo de identificação com os fãs.

O Debí Tirar Más Fotos, que foi lançado agora início do ano, resume muito um sentimento de nostalgia agriadoce, sabe? Uma coisa de quem viveu muito, de quem passou por muita coisa, mas que ainda sente que deixou passar momentos importantes, sabe?

LOC 6: A experiência do Leandro e do Wulfgar ilustram a relação de fãs que escutaram a produção de Benito Antonio Martínez Ocasio – o Bad Bunny – e se identificaram com ela.

TEC EoO

LOC 7: O Debí Tirar Más Fotos mistura pop e reggaeton – que colocou o cantor no topo das paradas musicais – com ritmos tradicionais da ilha.

+ A ideia é que você, ouvinte, entenda o sucesso desse álbum enquanto vai escutando algumas composições que são destaques.

+ Para isso, também conto com a participação de Ludmilla Correa, repórter da Billboard Brasil e pesquisadora de música latina não brasileira.

SON LUDMILLA (42s): Ele tem muita essa essência da salsa, mas eu não diria que ele é um álbum de salsa. Eu diria que ele tem ainda um pouco do seu trap. Ele seria um álbum mais de reggaeton, mas com um teor de salsa mais forte e de plena também.

Mas, facilmente, a gente pode dizer que entrou para a história como um dos maiores e mais importantes álbuns da história do reggaeton.

LOC 8: A salsa tem forte presença em Porto Rico e é um elemento importante da identidade local. Ela é o ritmo de um povo que resiste, mas que também cria e celebra a história e a cultura.

+ E, aqui, uma curiosidade: todas as músicas de salsa do álbum foram compostas por jovens instrumentistas da Escuela Libre de Musica, de Porto Rico.

LOC 9: Bom, nesse episódio, a Nathalia Fabro Mendes, editora-assistente no grupo Globo e especialista em Mídia, Informação e Cultura pelo Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação, da USP, também vai estar com a gente.

SON NATHALIA (21s): Eu acho esse álbum incrível esse novo. Esse Debí Tirar Más Fotos é sensacional, ele mistura tudo e tem crítica social.

Acho que é um álbum necessário. A música, a arte, a cultura, ela tem que questionar, ela tem que cutucar.

TEC NUEVALYOL (2:02 - 2:16)

LOC 10: A faixa de abertura, “NuevaYoL”, já chega com referências à terra natal de Bad Bunny. Ela começa com um sample de “Un Verano en Nueva York”, um clássico do grupo porto-riquenho El Gran Combo, lançado lá em 1975. Escuta só a versão original:

TEC UN VERANO EN NUEVA YORK (00:00 - 00:08)

+ E a do Bad Bunny.

TEC NUEVAYOL (00:00 - 00:08)

LOC 11: Essa música relembra a ligação histórica entre Porto Rico e Nova York. A cidade norte-americana é um centro importante para os porto-riquenhos fora da capital San Juan, já que abriga a maior comunidade fora da ilha.

+ Para contexto: muitos porto-riquenhos migraram para Nova York por conta da crise econômica na ilha, falta de empregos e dependência política dos Estados Unidos.

+ A partir de 1917, com o Jones Act, uma lei que concedeu cidadania americana aos porto-riquenhos, ficou mais fácil se mudar legalmente.

+ De acordo com dados da Universidade da Cidade de Nova York, do Centro de Estudos Latino-Americanos, Caribenhos e Latinos, a população porto-riquenha em Nova York atingiu o pico em 1970, com quase 900 mil habitantes.

+ Vale lembrar que até a bandeira de Porto Rico foi feita por lá.

LOC 12: A escolha de trazer referências da história e da cultura da ilha não é por acaso.

+ Com esse trecho, Bad Bunny já dá um spoiler do que vem por aí em “Debí Tirar Más Fotos”: essa produção é dedicada a Porto Rico.

LOC 13: Cantado inteiramente em espanhol e incluindo gírias locais, o disco passa por ritmos tradicionais da região como o reggaeton de “Voy a Llevarte pa PR” (em português, vou te levar a Porto Rico).

TEC VOY A LLEVARTE PA PR (00:21 - 00:27)

+ A salsa de “Baile Inolvidable”

TEC BAILE INOLVIDABLE (2:34 - 2:50)

+ E a plena de “Café con Ron”.

TEC CAFÉ CON RON (2:06 - 2:16)

LOC 14: Em algumas letras, Bad Bunny se mostra mais politizado e traz críticas aos problemas de infraestrutura do país, à relação com os Estados Unidos e à gentrificação – ou seja, quando estrangeiros transformam bairros tradicionais em zonas de luxo, como resorts, excluindo os porto-riquenhos de seu próprio território.

+ A Ludmilla, repórter de música e pesquisadora, nos explica mais sobre isso.

SON LUDMILLA (11s): Eu destacaria Lo Que Le Pasó a Hawaii, que ele toca de maneira mais incisiva assim na ferida, tipo: ‘pô, meu, que que vocês estão fazendo com o Porto Rico?’

TEC LO QUE LE PASÓ A HAWAII (1:26 - 1:48)

SON LUDMILLA (42s): E aqui ele fala justamente sobre o que aconteceu no Havaí. Havaí também é um território dos Estados Unidos que foi completamente americanizado, perdeu toda a sua cultura, toda sua essência.

Por exemplo, aquilo que a gente viu em filmes como, sei lá, Lilo e Stitch, dos povos, Moana... a gente não vê mais lá, né? E assim, tão querendo fazer isso em Porto Rico. E aí, é o que ele fala: “Querem me tirar o rio, é, tirar a bandeira, tirar a minha avó, tirar todo mundo daqui”.

LOC 15: “Lo Que Le Pasó a Hawaii” não foi a primeira vez que Bad Bunny se posicionou contra a relação dos Estados Unidos com Porto Rico.

+ Em 2022, a música "El Apagón", do álbum Un Verano Sin Ti, veio acompanhada de um documentário de 18 minutos. Na produção, a jornalista Bianca Graulau abordou alguns problemas em Porto Rico como a privatização das praias e a gentrificação desenfreada.

+ A Luíza, internacionalista, conta mais sobre qual é a situação no arquipélago

SON LUÍZA (37s): Existe um grande incentivo ao turismo externo e principalmente a compra de propriedades milionárias nas praias da ilha, principalmente pela famosa lei 22, que isenta de impostos quaisquer dividendos, lucros e ganhos de capital obtidos depois que um cidadão, entre aspas, se muda para Porto Rico.

Nesse mesmo processo, também é a privatização ilegal das praias e, logicamente, tudo isso é apoiado por uma corrupção local extrema.

LOC 16: Quem acompanha esse cenário de perto e o define como pesadilla – isto é, um pesadelo – é o Wulfgar.

SON WULFGAR (42s): Eso es una pesadilla que muchos buricos han tenido. Así que no estás solo con ese sueño. Es una pesadilla. Y la pesadilla es que lo factual, los datos, eh el hecho que nos están gentificando.

Lo que Le Pasó a Hawaii primero fue cuando a los gigantes de la industria americana y corporaciones, los CEOs, como les llaman, empezaron a comprar a tierra de los campesinos hawaianos ilegalmente y esa tierra se usó para a construir y desarrollar hoteles para turistas y casas para millonarios y gente muy rica.

TEC TURISTA (00:00 - 00:09)

LOC 17: Outra faixa que merece destaque é “Turista”, que faz um paralelo entre relacionamentos passageiros e a superficialidade das experiências turísticas.

+ É uma canção mais melancólica, escuta só:

TEC TURISTA (00:22 - 00:39)

LOC 18: A inspiração pra faixa "Turista" veio de um momento bastante pessoal. Em entrevista à revista Rolling Stone, Bad Bunny contou que escreveu a música enquanto dirigia por Ocean Park, um bairro de Porto Rico. Ele estava triste, chorando, e parou na praia.

+ Lá, viu turistas tirando fotos no pôr do sol, jogando vôlei, dançando – todos se divertindo, sem ideia do que ele sentia naquele momento. E foi aí que veio o estalo.

TEC TURISTA (00:57- 1:11)

LOC 19: Ele percebeu como esses visitantes aproveitam o melhor da ilha e depois vão embora, sem conhecer o lado mais difícil de ser porto-riquenho.

+ Isso virou metáfora para relações humanas também: pessoas que passam pela sua vida, aproveitam o melhor de você... e vão embora sem saber das suas dores, traumas ou medos.

+ No clipe de “Turista”, Bad Bunny interpreta um faxineiro de uma casa luxuosa alugada por turistas. Ele é o responsável por limpar toda a bagunça deixada para trás por quem esteve ali, curtiu, consumiu... e depois foi embora.

+ Para o Leandro, que é fã do Bad Bunny, “Turista” é uma das melhores faixas do álbum.

SON LEANDRO (49s): É uma música que fala sobre o pertencimento do Bad Bunny e a desconexão dele nas situações que ele se encontra hoje em dia, que como ele é uma estrela tão grande, ele acaba precisando viajar bastante, frequentar hotéis, cidades novas e tá sempre cercado de gente, mas ele não consegue criar vínculos reais.

+ E essa faixa acaba reforçando o tom melancólico do álbum que o Bad Bunny quer passar para o público, sabe? Não apenas que a gente consiga se identificar com o que ele canta ou com o que ele escreve, mas a gente acaba ficando reflexivo.

Pensando sobre a vida, onde tudo acontece muito rápido e pouquíssima coisa acaba tocando a gente fundo. Profundamente.

LOC 20: A Nathalia, que estudou no Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação, na USP, também faz uma análise de “Turista”. Oi, de novo, Nath!

SON NATHALIA (42s): Isso é uma crítica de certa maneira ao turismo que acontece em Porto Rico, não condenando o turismo, mas essa questão das pessoas irem explorarem as praias, se aproveitarem do turismo e não saber o que de fato ali acontece, né?

Eu acho que as pessoas não sabem, não entendem, não conhecem o que as pessoas que estão na ilha sofrem.

Essa música ela cabe uma dupla interpretação de amor para a ilha e de amor para uma outra pessoa também, então eu acho que é uma jogada muito boa na letra.

LOC 21: Passando para a próxima canção, a faixa-título, “DtMF”, que você ouviu um trechinho lá no começo do episódio, alcançou mais de 11 milhões de reproduções nas primeiras 24 horas no Spotify. Hoje, ela acumula mais de 650 milhões de plays na plataforma.

+ O desempenho foi impulsionado por uma trend, uma tendência viral, no TikTok, na qual os usuários compartilhavam fotos de momentos especiais ao som do refrão.

TEC DTMF (1:40 - 1:50)

+ A música é um desabafo e traz um tom nostálgico. Aqui, Bad Bunny fala sobre saudade, arrependimentos e memórias que escapam com o tempo.

- + A frase “deveria ter tirado mais fotos” vai além do literal: ela é sobre momentos que passaram rápido demais, pessoas que foram embora, e coisas que talvez ele quisesse guardar pra sempre – mas não conseguiu ou não registrou o suficiente. Nem com fotos, nem com palavras.
- + Para você ter ideia, o sucesso foi tanto que essa música também passou a ser usada por moradores de Gaza e do Líbano nas redes sociais – como foi divulgado pela BBC.
- + Os vídeos trazem registros de locais de origem dos cidadãos antes do início do conflito mais recente com Israel.
- + Enfim, é uma reflexão sobre o tempo, as relações e tudo aquilo que a gente só entende direito... depois que já foi.
- + É com essa análise que o Wulfgar, que precisou sair de Porto Rico com a família em busca de melhores condições de vida nos Estados Unidos, fala sobre a dor de ver tantas pessoas queridas indo embora da ilha. Vamos ouvir.

SON WULFGAR (29s): muchas gente se está mudando de Puerto Rico, familia, vecinos, amigos, seres queridos y este normalmente tienes que apreciar lo poquito que tienes y lo que tiene cualquier cosa que tengas tú en el corazón lo de es de especial.

Así que estamos luchando, luchando, luchando todos los días. para sobrevivir nada más.

LOC 22: A luta que o Wulfgar menciona não é só simbólica. Depois de 35 anos vivendo nos Estados Unidos, ele conta que está se preparando para voltar à ilha – não só para se reconectar com suas raízes, mas também para resistir.

SON WULFGAR (43s): Ya casi yo no tengo familia en Puerto Rico. Y este, pero sí, yo yo todavía estoy este ah planeando con mi familia a mudarme para atrás para Puerto Rico.

Ah, porque Eh, ya yo he estado mucho tiempo aquí en los Estados Unidos más de 35 años trabajando y este ya es hora que regrese para mi isla y me voy a retirar ahí y también otra razón que me voy a mudar para la isla es para luchar por lo que está pasando y y tú sabes, yo voy a luchar contra no solamente el gobierno americano, pero voy a luchar contra el gobierno puertorriqueño también porque el gobierno puertorriqueño, los políticos puertorriqueños se están beneficiando de lo de la gentrificación que está pasando en Puerto Rico.

TEC LA MUDANZA (00:49 - 00:57)

LOC 23: Bad Bunny fecha o álbum com um de seus atos mais políticos. Em "La Mudanza", ele declara que ficará em Porto Rico para sempre.

+ “Daqui ninguém me tira, daqui eu não saio”. “Fala pra ele que essa é minha casa, onde o meu avô nasceu”. “Eu sou de Porto Rico”.

TEC LA MUDANZA (2:53 - 3:04)

LOC 24: Essa canção entrelaça memórias pessoais com referências políticas e culturais do arquipélago. O Bad Bunny começa relembrando como seus pais se conheceram durante uma mudança e agradece a eles por ser porto-riquenho e por terem moldado seu caráter e valores.

+ Na segunda parte, ele expressa seu amor por Porto Rico, mencionando figuras como Eugenio María de Hostos, um dos grandes pensadores e líderes do século 19 por lá, e também canta a importância de carregar a bandeira porto-riquenha com orgulho, já que pessoas foram mortas por fazerem isso.

+ A Luiza, internacionalista, nos explica mais detalhes. E aí, Lu, quando isso aconteceu?

SON LUÍZA (37s): Um aspecto muito importante da situação política de Porto Rico é a forma como as elites locais se aproveitam da relação colonial com os Estados Unidos para fortalecer o seu próprio poder na ilha, reforçando e ampliando hierarquias locais.

Um dos maiores exemplos foi a lei da mordaça, que foi aprovada pelo legislativo de Porto Rico em maio de 1948 e ela tipificava como delito grave qualquer tipo de ideia ou ação em favor da derrubada ou paralisação do governo insular, inclusive a circulação de ideias independentistas, a execução do hino nacional porto-riquenho e a exibição ou porte da bandeira porto-riquenha.

LOC 25: A bandeira de que estamos falando não é a versão oficial aprovada pelo governo em 1995. É uma variação com um tom azul mais claro, historicamente ligada ao movimento pró-independência.

TEC LA MUDANZA (3:22 - 3:32)

LOC 26: No álbum “Debí Tirar Más Fotos”, Bad Bunny vai muito além da parte musical.

- + Na imagem de capa do disco, há duas cadeiras de plástico no meio de um quintal de bananeiras. Uma cena simples. Cotidiana.
- + É o tipo de imagem que poderia ter sido tirada em Porto Rico, na Colômbia, na Argentina ou até mesmo no quintal de uma casa no Brasil.
- + A Nathalia, que pesquisou sobre reggaeton na pós-graduação, destaca como cada detalhe do álbum — da sonoridade às imagens — faz parte de uma proposta maior.

SON NATHALIA (12s): As faixas se conectam e tem tudo tem conceito ali, né? Os vídeos, a capa, tudo. Então assim, é uma construção que não é só o bonito pelo bonito, só pela estética da aparência.

LOC 27: Para entender melhor a construção do conceito do álbum, trago o nosso último convidado. O Juan José Ortega é produtor musical em Bogotá, na Colômbia, e vem bater um papo com a gente. Hola, JJ!

SON JJ (42s): Entonces, la portada del álbum vemos que hay dos sillitas en en eh pues es una escena muy pues en la naturaleza, o sea, puede ser que están en una finca, en una casa de campo o pueden estar en cualquier lado, ya que Puerto Rico es una isla y pues ahí también vemos que está pues la mata del banano, que pues claro, también ahí refuerza eh lo latino, entonces ahí vemos que están esas dos sillitas de plástico, que son como un símbolo, no sé, como de reunión, ya que eh en reuniones familiares, no sé, asados, fiestas, cumpleaños o incluso en cualquier momento es muy es siempre ha sido muy común como las mesas, las sillitas de plástico.

LOC 28: Nessa fala, o JJ conta que, na imagem de capa, vemos duas cadeiras de plástico, colocadas em meio à natureza.

+ As cadeiras, simples e brancas, carregam um significado especial: são um símbolo de reunião. Estão sempre lá: nos encontros de família, nos churrascos, nas festas de aniversário ou até nos momentos mais comuns do dia a dia. É essa familiaridade que faz a cena parecer algo tão latino, tão nosso.

+ É quase como se o Bad Bunny estivesse sentado em uma daquelas cadeiras de plástico brancas, bebendo um pitorro de coco, uma bebida alcoólica tradicional de Porto Rico.

TEC PITORRO DE COCO (3:01 - 3:15)

LOC 29: No YouTube, por exemplo, cada música do álbum é acompanhada por uma apresentação, que traz destaque da história local com base nas explicações do historiador porto-riquenho Jorell Meléndez-Badillo.

- + Dá para aprender sobre a criação da bandeira de Porto Rico, a classificação do arquipélago pelos Estados Unidos como “Estado Livre Associado” e o Grito de Lares, uma revolta armada pela independência.
- + A narrativa continua num curta-metragem, que leva o mesmo nome do álbum. Esse vídeo é co-escrito e dirigido por Bad Bunny em parceria com Arí Maniel Cruz Suárez.
- + As cenas trazem o cineasta porto-riquenho Jacobo Morales no papel principal.
- + Ele interpreta um homem que revisita sua própria história, compartilhando memórias por meio de antigas fotografias. Essas fotos são mostradas ao sapinho Concho, que também aparece em vídeos na plataforma Spotify.
- + O JJ fala mais sobre o Concho.

SON JJ (22s): el sapito está pensado como pues la mascota del álbum, por así decirlo. Y es como el personaje que pues como que viaja al pasado en todo esto de recordar

Y y el sapito, concho, está pensado como es una especie de sapo que hay en Puerto Rico que está en peligro de extinción, entonces también es para pues y representar eh pues la importancia de también mantener como mantener las cosas y cuidarlas.

Eh, pues un poco también pues si no se debe tirar más fotos dice debe tirar más fotos de cuándo cuando te tuve. Eh, sí, como de cuidar las cosas mientras las tenemos para que cuando las tengamos no las extrañemos de esa manera.

LOC 30: O sapinho, como explica o JJ, é mais que um mascote bonitinho: ele representa memória, cuidado e também a conexão com a natureza e com a cultura de Porto Rico.

+ E de novo: tudo isso aparece na forma como o disco foi pensado, tanto na estética quanto na mensagem.

SON JJ (47s): Su innovación es en el tema y la presentación del álbum que era un álbum pensado para Puerto Rico.

Entonces es influyente por esa propuesta tan interesante y porque tiene mucho talento.

Él tiene mucho talento y sabe moverse y mantener un poquito más complejo es la capacidad que él ha tenido de relacionarse con otras culturas, por ejemplo, en otros lugares de Puerto Rico, las palabras que él usa en sus letras en sus solistas palabras de Puerto Rico o términos boricuas también, que también incluye palabras que son de la cultura de Colombia, también de Argentina, de México, entonces hay un sentido de identidad y también un sentido de orgullo.

TEC VINHETA PODCAST

FINAL

LOC 31: Este podcast foi pensado, roteirizado e editado por mim, Gabriele Koga, como Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo, na Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo.

+ Neste programa, você ouviu as músicas “DtMF”, “Café con Ron”, “EoO”, “NuevaYol”, “Voy a Llevarte pa PR”, “Baile Inolvidable”, “Lo Que Le Pasó a Hawaii”, “Turista”, “La Mudanza” e “Pitorro de Coco”. As faixas integram o álbum “Debí Tirar Más Fotos”, lançado por Bad Bunny em 5 de janeiro de 2025.

+ Juan José Ortega, Leandro Rodrigues, Luíza Saddi, Ludmilla Correia, Nathalia Fabro Mendes e Wulfgar von Kriegsmann participaram deste episódio.

- + A orientação do trabalho foi feita pelo professor Luciano Victor Barros Maluly.
- + Eu fico por aqui. Até a próxima!

TEC VINHETA FIM UNIVERSIDADE 93,7